

Estudo 01

Duas saudações

(1 Coríntios 1 e 2 Coríntios 1)

Marcelo Dantas
estudosmec@pibrj.org.br

Em ambas cartas aos coríntios, Paulo começa afirmando ser seu apostolado um chamado divino. Na primeira epístola, Paulo continua anunciando que Deus chamou os coríntios para que fossem parte do seu povo, dando-lhes entendimento da mensagem de Cristo para que permanecessem firmes até o fim.

Sua saudação com “graça e paz” utilizava a saudação dos gregos “graça” e dos judeus, “paz”, provavelmente indicando que na comunidade de corinto havia gentios e judeus.

“A rivalidade e a inimizade permeavam a sociedade, inclusive nos esportes, mas sobretudo na política e na oratória. Na cultura urbana da Antiguidade, da qual Corinto era um símbolo, era comum avaliar e comparar os diferentes oradores. (...) As pessoas normalmente tendiam a favorecer certos mestres e a defender os interesses da escola a que pertenciam. Às vezes, os alunos de mestres rivais chegavam a trocar socos; isso também acontecia em Corinto. Os filósofos incentivavam os alunos a se apegarem emocionalmente a eles como parte necessária de seu desenvolvimento moral e intelectual. Os rabinos também tinham escolas, e os discípulos normalmente propagavam as perspectivas de seus mestres. Os partidos políticos às vezes adotavam lemas como “Sou do Fulano”.¹

Assim, não há argumentos para que os coríntios permaneçam divididos por seguirem a quem lhes pregou o evangelho, seja Paulo, Apolo, Pedro ou qualquer outro. Cristo é quem deve ser seguido pois apenas ele é o Salvador. O chamado de Paulo é para pregar a mensagem da cruz que é escândalo para os judeus e loucura para os gentios. Deus se utiliza das coisas fracas, loucas e

desprezadas deste mundo a fim de que somente ele receba a glória e o louvor.

“Os romanos consideravam a crucificação uma morte apropriada para escravos; os judeus também a viam como vergonhosa (Dt 21.23). Os “salvadores” normalmente eram deuses, reis, benfeitores ricos ou realizadores de milagres. A sociedade romana havia sido edificada em torno do poder e da posição social. O poder concentrava-se no homem chefe de família, nas famílias abastadas e aristocráticas e assim por diante. Associar o poder a um homem crucificado — o cúmulo da desonra e da fraqueza —, portanto, fazia tão pouco sentido para os antigos quanto para os modernos que não estão em Cristo.”²

“Os judeus religiosos, perdidos, ansiavam por sinais miraculosos. Para eles à crucificação de Jesus era uma pedra de tropeço. Que poder há num judeu morto? Eles esperavam um salvador político transbordante de vida, não um crucificado. Para os gregos secularizados, igualmente perdidos, a cruz era loucura, não sabedoria. Que sabedoria há num líder religioso crucificado? Os gregos consideravam um homem crucificado como nada mais do que um criminoso desprezível. Contudo, eles prezavam altamente as filosofias terrenas e as ideologias centralizadas no homem. Essa sabedoria terrena nada mais era do que suas patéticas tentativas de resolver os seus problemas e de conhecer Deus. Mas a cruz, poder de Deus e sabedoria de Deus, era uma loucura total para eles. Nessa tortuosa maneira de ver percebemos a cegueira espiritual do mundo. A estima dos gregos pela sabedoria do mundo fala da depravação pecaminosa do

¹ KEENER, Kraig S. *Comentário Histórico-Cultural da Bíblia: Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova 2017. p. 551.

² KEENER, Kraig S. *Comentário Histórico-Cultural da Bíblia: Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova 2017. p. 552.

coração humano.”³

“A doutrina da eleição soberana enfatiza a grande diferença entre os caminhos de Deus e os caminhos do homem. O homem procura escolher os ricos e os famosos para formar a sua rede de relações, muitas vezes visando lucro pessoal. Mas com Deus não é assim. Os que são relegados à margem pelos que estão por cima neste mundo são justamente os que Deus escolhe. Do meio de muita gente do mundo, Deus, de propósito, escolheu poucos sábios, poucos poderosos e poucos da nobreza. Passando por alto os fortes, Deus escolheu os fracos. Passando ao largo dos exaltados e proeminentes, Deus escolheu os de baixa posição.”⁴

“Friedrich Wilhelm Nietzsche, nascido em 1844, pertencia a uma família de pregadores. Seu pai era um ministro do evangelho, assim como muitos ancestrais de sua mãe. Ao estudar teologia desenvolveu uma profunda aversão à fé cristã. Descrevia Jesus como um fraco que morreu vergonhosamente numa cruz em absoluto fracasso. Nietzsche não apenas desprezava Jesus como também a todos os que acreditavam no evangelho de Cristo. Segundo Nietzsche, os cristãos são favoráveis ao sofrimento, desprezam as riquezas e a sabedoria, além de preferirem o fraco ao forte. Para ele, Deus estava morto e Jesus era um insensato.

Secularistas modernos dirigem acusações semelhantes contra Cristo e o Cristianismo. Afirmam que os ensinamentos de Cristo estão ultrapassados e os Dez Mandamentos, obsoletos. Acusam as normas cristãs de inibir a vida, de obstruir a realização própria e de induzir à culpa. Ensinam que se adotarmos padrões humanos, somos libertos das algemas da religião cristã.

Contudo, Deus escolhe as coisas loucas e fracas do mundo para envergonhar os ateístas, os agnósticos, os humanistas e os secularistas. Ele anula seus padrões inventados por homens para que experimentem falência moral e ceifem uma colheita de violência física numa sociedade decadente. Entrementes, Deus escolhe as coisas loucas e as fracas deste mundo para

promover sua igreja e seu reino. Ele confere honra ao trabalho de pessoas insignificantes e desprezadas que dedicam a vida ao serviço de Deus e de seus semelhantes. Ele se alegra por aquelas pessoas que vivem em harmonia com a sua palavra e que se gloriam em seu Senhor e Salvador Jesus Cristo.”⁵

Quando Paulo manda que os coríntios se gloriem em Deus, está utilizando-se do texto de Jeremias 9.24. “Paulo utiliza os textos em questão para dar suporte ao seu argumento, segundo o qual Deus, por meio da cruz, fez com que os valores do mundo fossem totalmente invertidos. Wagner (1998, p. 287) conclui: “Longe de ser um aviso irrelevante, à referência de Paulo ao mandamento da Escritura. “Quem se gloriar, glorie-se no Senhor”, apoia e reforça a censura ao comportamento dos coríntios”. A natureza paradoxal da salvação em Cristo, tanto quanto sua morte e ressurreição, mostra-se como algo que ocorre “segundo as Escrituras”. O menosprezo de Paulo pela sabedoria, pelo poder e pelos privilégios humanos tem raízes no AT. Assim, Paulo utiliza o texto para resumir um argumento sobre a doutrina da salvação que tem implicações éticas para o partidário dos coríntios.”⁶

Na segunda epístola, Paulo fala da loucura do evangelho ao se utilizar das aflições dos santos para fortalecer sua fé. Não há aflição grande o suficiente para abalar sua fé, ele é capaz de enfrentar a morte, sem que isso o faça negar a Cristo e isso não vem de sua sabedoria, mas da graça divina.

A menção das aflições “aponta para os sofrimentos de Paulo na província da Ásia (1.8, 9”⁷). “Ele bem pode testificar que a aflição produz perseverança, caráter e esperança (Rm 5.3, 4). Aprendeu que permitir a aflição na vida dos crentes faz parte do projeto de Deus para salvar os pecadores.” Paulo sabe que Deus não só o conforta e sustém em sua situação angustiante como também lhe dá tanto a capacidade como a responsabilidade de consolar outros que sofrem aflições.”⁸

³ LAWSON, Steven J. *Fundamentos da graça: 1.400 A.C. - 100 D.C.: longa linha de vultos piedosos: volume 1*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2012. p. 548-549.

⁴ LAWSON, Steven J. *Fundamentos da graça: 1.400 A.C. - 100 D.C.: longa linha de vultos piedosos: volume 1*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2012. p. 551.

⁵ KISTEMAKER, Simon. *2 Coríntios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004. p. 111

⁶ BEALE, G. K. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 870.

⁷ KISTEMAKER, Simon. *2 Coríntios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004. p. 64.

⁸ idem. p. 65.

Apesar de comumente utilizarmos “conforto” como algo agradável, prazeroso, “o termo conforto, que vem do latim con e forte, significa “fazer forte juntos”. Mostra um aspecto relacional que supera em muito a idéia de conforto individualizado que prevalece hoje. A palavra dá o sentido de que uma parte fortalece a outra. Por exemplo, os médicos e enfermeiras ajudam seus pacientes na recuperação de enfermidades físicas: um conselheiro ajuda uma pessoa a vencer períodos de depressão; e um pastor conforta aqueles que estão tristes por luto. Os escritores do Novo Testamento usam o conceito de confortar repetidamente, mas a intenção bíblica dessa palavra é ligeiramente diferenciada. Transmite a idéia de encorajar e exortar aqueles que lidam com a derrota, a dúvida e a depressão. Quando Paulo proclamou o evangelho na sinagoga de Corinto, os judeus se opuseram a ele de tal modo que ele e seus seguidores tiveram de sair e estabelecer uma igreja-casa. Paulo perdeu seu entusiasmo inicial e pretendia ir a outra parte. Então Jesus lhe deu palavras de conforto e encorajamento: “Não tema; pelo contrário, fale e não se cale; porque eu estou com você e ninguém ousará fazer mal a você, pois tenho muito povo nesta cidade” (At 18.9, 10). Jesus cumpriu sua palavra protegendo Paulo de males e perigos; ele abençoou o ministério de Paulo em Corinto. (...) Na verdade, Jesus está sempre ao lado de seu povo com a promessa de que nunca os abandonará (Mt 28.20)”⁹

⁹ ibidem p. 69-70.